

Mostra de Linguística

A Linguística em Portugal: estado da arte, projectos e produtos

Reitoria da Universidade de Lisboa

27 de Junho de 2006

Organização: Associação Portuguesa de Linguística

(disponível em edição CD-ROM da APL)

Mirandês: estado da arte, produtos e projectos

Cristina Martins

CELGA/ILLP

Universidade de Coimbra

cristina.sp.martins@gmail.com

1. Introdução

Embora o mirandês se apresente, ainda hoje, como um objecto empírico parcamente dilucidado, é, no entanto, notório que os estudos sobre esta variedade asturo-leonesa com presença multissecular em território português configuram uma representativa montra dos paradigmas de investigação em Linguística que têm sido cultivados em Portugal desde os finais do século XIX até à actualidade. Assim, e se é verdade que fatia de leão da investigação disponível sobre o idioma é tributária de uma tradição dialectológica, com maiores ou menores preocupações relativas à história da língua, também não o deixa de ser que alguns linguistas, com outros interesses e formações, se sentiram, a certa altura do seu percurso, atraídos por este fenómeno que dá pelo nome de mirandês. Pelo idioma passaram visões estruturalistas, de fonética acústica, sociolinguísticas, pragmáticas, e, mais recentemente, psicolinguísticas. Os grandes ausentes nesta montra são os linguistas que trabalham no paradigma gerativista, com as consequências óbvias, em função da própria história do paradigma, daí decorrentes: a sintaxe do

mirandês, bem como a das profusas produções alternadas de mirandês-português e de mirandês-castelhano é, ainda hoje, um campo praticamente virgem em termos de investigação linguística, uma lacuna que claramente se lamenta, mas que, porventura, e em função dos dados empíricos já recolhidos e disponíveis, se poderá vir a suprir acaso os linguistas preparados assim o desejarem.

Passemos, então, a uma descrição circunstanciada do estado da arte.

2. O estado da arte

O primeiro estudo conhecido sobre o mirandês seria, só por este motivo, um documento histórico. Acontece, no entanto, que esse mesmo estudo se constitui como um dos trabalhos dialectais mais antigos da Península Ibérica, ostentando, para além do mais, um estatuto de referência pela qualidade e pela inovação que representou para a época, propriedades que valeram ao seu autor o reconhecimento internacional e a atribuição, em 1883, de um prestigiado prémio científico, o prémio da *Société des langues romanes*.

A “descoberta” do mirandês, em 1882, elevou, portanto, o homem que o deu a conhecer a Portugal e à comunidade científica internacional, ao estatuto de consagrado dialectólogo e filólogo mundial. O homem, José Leite de Vasconcelos, escreveu o trabalho *O dialecto mirandês. Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano* quando ainda era estudante da Escola Médica do Porto e escreveu-o com base nos dados coligidos junto do seu mais famoso, porque primeiro, informante, o estudante da Academia Politécnica do Porto, Manoel António Branco de Castro (natural de Duas Igrejas), bem como nos que viria a recolher junto de uma “mulher mirandesa analfabeta” (Vasconcelos, 1882: 10) e de outras pessoas não identificadas pelo autor. Pelo que se infere da leitura de outros escritos de Leite de Vasconcelos (nomeadamente Vasconcelos, 1900) sobre as condições de produção desta obra pioneira, tê-la-á escrito sem nunca ter saído do Porto, mas fê-lo, como já se compreendeu, atendendo a dados empíricos fornecidos por

múltiplos informantes de diferenciado perfil sociológico, um cuidado metodológico interessante e pouco comum na investigação dialectal da época.

Trata-se de um trabalho essencialmente descritivo dos aspectos fonéticos e morfológicos (morfologia flexional, especificamente) do mirandês, sempre com referência às estruturas latinas que estão na origem de cada um dos aspectos tratados e também fortemente ancorado numa técnica contrastiva com os produtos portugueses e/ou castelhanos equivalentes. Notório é, igualmente, o volume de informação sobre as semelhanças e diferenças entre as soluções mirandesas e as que foram documentadas em numerosos outros espaços dialectais da Península Ibérica, um cuidado que haveria de legitimar e fundamentar uma das mais importantes conclusões a que o autor chega nesta obra, a de que o mirandês, representando uma peça fundamental no *continuum* românico peninsular, “vem ocupar o seu lugar no grupo NO., ao lado do asturiano-leonês, entre este subgrupo e o subgrupo galécio-português” (Vasconcelos, 1882: 38). Ainda tímida, esta formulação seria clarificada, ainda no ano de 1882, num artigo publicado pelo autor n’*O Penafidelense* (jornal que acolheu igualmente a primeira versão da obra pioneira, em formato de folhetim, publicada em cinco números entre Julho e Agosto do mesmo ano) no qual Leite de Vasconcelos filia historicamente o mirandês no “domínio espanhol, como próximo do leonês” (Vasconcelos, 1929: 683), filiação que seria corroborada e confirmada por Menéndez Pidal (1962) em 1906 no seu trabalho de referência *El dialecto leonês*.

O trabalho inclui também uma secção de textos mirandeses, com a respectiva tradução portuguesa e uma pequena amostra vocabular (com informação etimológica e contrastiva).

De resto, esta obra contém, na introdução, um conjunto de considerações nas quais o autor procede àquilo que hoje chamaríamos a caracterização sociolinguística da comunidade linguística mirandesa da época, identificando o perfil sócio-simbólico dos idiomas co-existentes na comunidade plurilingue, bem como manifestações das atitudes linguísticas nutridas pelos falantes em relação a cada um desses idiomas. A este assunto voltaria eu (Martins, 1994a e 1994b, 1997, 2002, 2005a e 2005b), um século mais tarde, aproveitando, justamente, os dados relatados por Leite de Vasconcelos a fim de estabelecer um quadro evolutivo da

correlação de forças e da “economia idiomática” da comunidade plurilingue ao longo do século XX, um século decisivo na vida do mirandês, já que determinante para a avaliação dos mecanismos subjacentes à passagem da comunidade linguística onde sobreviveu durante séculos de uma situação de bilinguismo estável, acompanhado de diglossia, para uma de bilinguismo (quase) sem diglossia, sintoma de um processo de substituição linguística em curso.

Visto isto, e atendendo ao que se fez depois da publicação do trabalho pioneiro, não só pelo próprio Leite de Vasconcelos, como pelos demais que o sucederam, dir-se-á que quase todos os alicerces da investigação produzida a propósito do mirandês até aos dias de hoje foram lançados pelo estudioso que o “descobriu”. Convenhamos que é extraordinário para um estudante de Medicina e para um opúsculo de apenas 39 páginas.

Esta não é, contudo, a obra sobre o mirandês mais conhecida. Na verdade, a grande obra de referência, também escrita por Leite de Vasconcelos, continua a ser, ainda hoje, os *Estudos de filologia mirandesa*, em dois volumes publicados em 1900 e 1901 pela Imprensa Nacional (Lisboa) e reeditados, em *fac símile*, pela Câmara Municipal de Miranda do Douro em 1992 e 1993.

A filosofia desta obra é, em grande parte, a que inspirou o trabalho pioneiro. As diferenças residem mais propriamente no volume dos dados apresentados pelo autor, reflexo do grande incremento de materiais entretanto recolhidos a partir do momento em que Leite de Vasconcelos fez investigações *in loco*, e pela primeira vez, nas férias escolares do verão de 1883, bem como na profundidade com que os diferentes aspectos são tratados. De registar é, igualmente, uma inovação metodológica relativa à recolha de dados, actualíssima e irrepreensível. Ouçamos o autor a este respeito: “Para se recolherem certos sons e frases características de uma língua que se quer estudar da boca do povo, o melhor meio é esperar a ocasião oportuna do acaso, e apanhar isso em flagrante; fiz assim sempre que pude; no entanto muitas vezes tive de proceder a interrogatórios, embora, quando eu o julgava conveniente, dirigidos de tal modo, que os interrogados respondessem espontaneamente, sem eu lhes indicar de

antemão o som ou a flexão que eu queria saber ou averiguar” (Vasconcelos, 1900: 18).

O núcleo central do primeiro volume é a Parte II, intitulada “Gramática mirandesa” e subdividida em três partes:

1. Fonologia (a descrição é, na verdade, fonética);
2. Morfologia (trata-se de um inventário das classes de palavras com considerações sobre flexão e processos de formação de palavras);
3. Sintaxe.

Em todas estas subsecções, para além de uma descrição sincrónica das estruturas apresentadas, abundam as informações relativas à história da língua, ao ponto de se poder afirmar que se trata, efectivamente, de uma gramática histórica.

A sintaxe mirandesa é, também aqui, tratada pela primeira vez, ainda que de um modo bastante menos sistemático e aprofundado quando comparado com o tratamento dado à “fonologia” e à “morfologia”. Para tal discrepância, Leite de Vasconcelos apresenta uma razão de peso que nunca foi contrariada por nenhum estudo posterior e que, muito antes pelo contrário, ascendeu ao estatuto de axioma: “não posso ocupar-me, com desenvolvimento igual, da sintaxe, porque ela não difere muito da portuguesa” (Vasconcelos, 1900: 465). Assim sendo, encontramos aqui apenas alguns factos avulsos, os “mais dignos de nota” (Vasconcelos, 1900: 465), atendendo a esta perspectiva contrastiva com o português adoptada pelo autor, como sejam: as construções impessoais e comparativas, as posições sintácticas e os usos específicos dos pronomes pessoais átonos e tónicos, a distribuição das preposições, os usos dos advérbios e das formas verbais (com referência à estrutura argumental e às propriedades de selecção categorial de alguns [ex. *ameaçar* ‘ameaçar’, que se usa “com dativo”; *bater*, que é transitivo; *morrer-se*, que é reflexo]). São incluídos, igualmente, na secção da sintaxe, as formas de tratamento em mirandês, alguns aspectos de fonética sintáctica, sendo o leitor remetido para as secções anteriores, da “fonologia” e “morfologia”, a fim de observar outros fenómenos “até certo ponto (...) da sintaxe” (Vasconcelos, 1900: 479).

O resto desta obra, compreendendo a Parte I do primeiro volume e todo o segundo volume é um monumento complexo e assombroso. Aí encontramos:

- a) a delimitação da área geográfica de implantação do mirandês com o respectivo tratamento cartográfico;
- b) a apresentação de evidências linguísticas e documentais de que essa área foi, outrora, muito mais extensa, tendo chegado a incluir a própria cidade de Miranda do Douro e uma importante área limítrofe à Terra de Miranda (como, de resto, Lindley Cintra (1959) haveria de comprovar no estudo da Linguagem dos foros de Castelo Rodrigo e o seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre);
- c) a determinação do carácter autóctone do mirandês nesta região trasmontana (uma evolução particular do latim aqui falado);
- d) as razões explicarão a sua multissecular sobrevivência e as que darão conta da sua posterior regressão territorial;
- e) a primeira proposta de identificação das variedades dialectais do próprio mirandês (corroborada, mais tarde, em 1959, por António Maria Mourinho), na qual se destaca a especificidade da variedade mais sudina, o sendinês (tendo esta última sido identificada pela primeira vez por Vasconcelos em 1886)¹;
- f) uma caracterização sociolinguística da comunidade plurilingue, filão que eu própria haveria de desenvolver um século depois;

¹ A especificidade do sendinês tem, desde então, sido objecto de atenção em alguns trabalhos, havendo um texto fundamental sobre esta variedade, publicado, em 1994, por Manuela Barros Ferreira.

- g) traduções de textos de vários géneros camonianos para mirandês²;
- h) um vocabulário etimológico (glossário das traduções);
- i) uma exaustiva revisão da bibliografia publicada entre 1882 e 1898 sobre o mirandês³ (incluindo uma dura crítica e denúncia violenta da fraude intelectual constituída pelo trabalho *Dialecto mirandês* de Albino Morais Ferreira, 1989), bem como sobre o riodonorês e o quadramilês, variedades do asturo-leonês que, como tal, são identificadas e assinaladas por Leite de Vasconcelos num texto publicado em 1886;
- j) a recepção e comentários (quer particulares –epistolares-, quer públicos –recensões críticas-) de investigadores nacionais e estrangeiros ao próprio trabalho entretanto publicado de Leite de Vasconcelos;
- k) a notícia do interesse que a sua descoberta provocou noutros, levando-os não só a escrever sobre o mirandês, como a traduzir e a produzir textos em mirandês;
- l) um exaustivo inventário e transcrição dos textos antigos em que há referências à Terra de Miranda (secs. XIII a XVI), uma actividade seguida e aprofundada durante todo o século XX por António Maria Mourinho;

² O trabalho de tradução de diferentes tipos de textos tem sido extensamente continuado por vários mirandeses, sendo o maior expoente contemporâneo desta actividade o jurista Amadeu Ferreira, mirandês originário de Sendim radicado em Lisboa, tradutor de, entre outros textos, *Os Lusíadas* de Camões, em fascículos no *Jornal Nordeste*, bem como a mediática versão do *Asterix* em mirandês (2005) publicada pela Asa.

³ Este trabalho foi prosseguido por Manuela Barros Ferreira que tem activamente recenseado e divulgado todas as publicações, nacionais e estrangeiras, que incidem sobre o mirandês (cf. <http://www.mirandes.no.sapo.pt>).

- m) uma secção de textos mirandeses (para além dos textos ilustrativos das diferentes variedades dialectais do mirandês, o autor reserva, no vol. II (1901) uma secção própria para a apresentação de alguns que contém: (i) o original de um entremês trilingue –mirandês, português e galego- da autoria de Francisco Garrido Brandão, camponês natural de Cércio, com a respectiva transcrição fonética; (ii) traduções feitas por mirandeses “do povo” e a pedido de Leite de Vasconcelos de “contos, fábulas e poesias de origem portuguesa” (Vasconcelos, 1901: 279); (iii) rifões e versos populares mirandeses).

Sendo estes dois trabalhos os mais relevantes de Leite de Vasconcelos sobre o mirandês, a verdade é que o autor publicou numerosos artigos e notas filológicas ao longo da sua vida, à medida que foi recolhendo e tratando material relevante.

A descoberta do mirandês por Leite de Vasconcelos permitiu a Menéndez Pidal (1962) completar o quadro linguístico desenhado numa outra obra de referência nesta área de estudos, publicada pela primeira vez em 1906: *El dialecto leonés*. Neste estudo, Menéndez Pidal, para além de fazer referências importantes ao mirandês no quadro da descrição fonética e morfológica geral do leonês⁴, procura, igualmente, e como Leite de Vasconcelos já o fizera, avaliar as causas de carácter histórico para a sobrevivência deste enclave leonês em território que está politicamente integrado em Portugal desde a Idade Média. O assunto viria a ser retomado em 1952 por Herculano de Carvalho (*Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda*)⁵, com a apresentação de uma tese concorrente à de Pidal (ainda que, e como julgo, não incompatível com ela; cf. Martins, 2005b).

Nos capítulos consagrados ao tratamento do leonês em várias obras de dialectologia e da história da língua espanholas, encontram-se

⁴ Menéndez Pidal não deixa de proceder, igualmente, à descrição de aspectos sintácticos das variedades asturo-leonesas, mas nessa secção as referências ao mirandês são verdadeiramente residuais.

⁵ Cf. J. G. Herculano de Carvalho (1973b).

referências descritivas de particularidades linguísticas do mirandês. Exemplos ilustrativos são constituídos pela *Dialectología española* de A. Zamora Vicente (1960), *La formación de los dominios lingüísticos de la Península Ibérica* de Kurt Baldinger (1972) e *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI* de Menéndez Pidal (1968). Mais recentemente, o mirandês foi objecto de um capítulo autónomo, da autoria de Clarinda Maia (1996), no *Manual de dialectología hispánica* dirigida por Manuel Alvar.

O trabalho de recolha exaustiva de elementos, tanto de natureza linguística, como de natureza folclórica sobre o mirandês, a cultura mirandesa e a história da Terra de Miranda foi sistematicamente levado a cabo pelo historiador António Maria Mourinho ao longo do século XX com artigos publicados em vários jornais e revistas, das quais se destacam a *Revista de Portugal, Série A - Língua Portuguesa, e Ocidente*. O vasto e multidisciplinar trabalho de António Maria Mourinho (uma amostra encontra-se no volume *Terra de Miranda* (1991)), na esteira da tradição de investigação lançada por Leite de Vasconcelos, manteve vivo o interesse pelo mirandês, bem como pelas manifestações culturais da Terra de Miranda, tendo sido o primeiro falante do idioma a consegui-lo com uma projecção nacional e internacional relevante. Também foi escritor, tendo produzido inúmeros textos na sua língua materna e tendo, com eles, popularizado a notação gráfica (de base fonética e ancorada na pronúncia de Duas Igrejas) para o mirandês inicialmente proposta por Leite de Vasconcelos (1900) nos *Estudos de Filologia Mirandesa*.

O único tratamento estrutural de uma parte dos dados linguísticos do mirandês foi proposto por J. G. Herculano de Carvalho no estudo intitulado *Fonologia Mirandesa 1*, publicado em 1958. Um ano antes, Herculano de Carvalho apresentava no Rio de Janeiro, ao *1º Simpósio de Filologia Românica* uma comunicação intitulada *Paradigma e corrente de fala a propósito do vocalismo mirandês*, na qual analisava a situação particular das vogais que dão continuidade, nos sistemas fonológicos do mirandês e do sendinês, a Ę e Ő e a Ē e Ō latinos em sílaba tónica e procurava, para as respectivas configurações, explicações históricas, sendo que este mesmo assunto já havia merecido a atenção, não só de Leite de Vasconcelos, como de Joseph Piel, em 1930. Muito recentemente, o mirandês foi objecto de um estudo levado a cabo por Diamantino António

Caseiro, Isabel Trancoso, Maria do Céu Viana e Manuela Barros Ferreira (2003), apresentado no *15th International Congress of Phonetic Sciences*, que correlaciona as propriedades acústicas do idioma e as soluções ortográficas propostas na *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (1999)⁶ e no qual os autores relatam a sua tentativa de derivar regras de conversão grafema-fone para o mirandês com base no modelo informático que já havia sido testado, com sucesso, para o português europeu.

Herculano de Carvalho (1973a), num estudo intitulado *Elementos estranhos no vocabulário mirandês*, dedicou-se, igualmente, à problemática do contacto de línguas nesta zona fronteiriça, mormente através da observação de algumas manifestações lexicais do mirandês que podem ser interpretadas como resultantes de um processo de interferência linguística.

O léxico tem sido, de resto, uma área de interesse preferencial, havendo vários estudos que a ele se dedicam. Em 1962, Maria da Conceição Azevedo Moreira centrou a sua tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) nesta questão, fazendo acompanhar a recolha lexical empreendida *in loco*, na Terra de Miranda e nas regiões limítrofes, com um estudo etnográfico, à luz dos preceitos de estudo dialectal praticados na FLUC sob a orientação de Manuel Paiva Boléo. No *Inquérito Linguístico Boléo* existem, de resto, catorze respostas recolhidas nesta área geográfica, dez das quais entre 1942 e 1943, por párocos e professores do ensino primário, e quatro, entre 1964 e 1971, por alunos da cadeira de “Linguística Portuguesa II” (com o respectivo relatório). Numerosos artigos recentes de Amadeu Ferreira, publicados no jornal *Mensageiro de Bragança* e www.diariodetrasosmontes.com têm, igualmente, incidido sobre a origem, sobretudo leonesa, de palavras mirandesas. Outras fontes para o conhecimento de diversas estruturas linguísticas do mirandês, mas sobretudo as de natureza lexical, existem igualmente, em preciosas gravações, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), fruto das recolhas que o “Grupo de Variação” deste Centro tem

⁶ Far-se-á mais detalhada referência à *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* (1999) na secção “Produtos”.

empreendido no âmbito de diversos projectos de investigação, entre os quais os relativos à elaboração de Atlas linguísticos⁷.

Entre os trabalhos académicos sobre léxico mirandês mais recentes contam-se os de António Bárbolo Alves, falante mirandês original do Picote, que em 1997 defendeu, na Universidade do Minho, uma tese de Mestrado intitulada *A língua mirandesa. Contribuição para o estudo da sua história e do seu léxico* e que, em 2002, apresentou à Universidade de Nice (França), a sua tese de doutoramento *Palavras de identidade da Terra de Miranda. Uma abordagem estilístico-pragmática de contos da literatura oral mirandesa*. Partir de textos de pendor literário para a elaboração de uma análise linguística já havia, de resto, sido uma metodologia adoptada por Maria Lucília Pais de Abreu em 1961, numa tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à FLUC, na qual é empreendido um estudo filológico do texto dramático *Saias* de Alfredo Cortez (1938).

Em muitos dos trabalhos existentes sobre o léxico mirandês se acentua a relação entre os idiomas e as variedades linguísticas conviventes nesta área peninsular, um aspecto que os trabalhos sobre fonética e fonologia igualmente ilustram. Basicamente, as análises de diversas estruturas linguísticas do mirandês existentes permitem situar o mirandês no *continuum* românico peninsular. Esta tem sido uma característica, já assinalada por Leite de Vasconcelos, evidenciada em numerosos estudos, mormente nos de Maria José Moura Santos (1967), Leif Sletsjøe (1967), Manuela Barros Ferreira e Ana Maria Martins (1987), Luísa Segura da Cruz, João Saramago e Gabriela Vitorino (1994), Manuela Barros Ferreira (1995 e 2001), Clarinda Maia (1996) e Cristina Martins (2005b).

Em 1994 defendi uma tese de Mestrado em Linguística Portuguesa na FLUC, centrada na análise sociolinguística e pragmática de manifestações verbais bilingues decorrentes de uma situação de contacto de línguas (o paradigma teórico é o da sociolinguística interaccional, na linha da investigação de John Gumperz, 1982). Ocupei-me, nesse trabalho, da descrição e explicação dos padrões de alternância de códigos (“code-switching”) e de escolha de línguas (“language-choice”, “code-choice”

⁷ Para uma transcrição de uma conversa com uma informante de Constantim, ocorrida aquando da recolha, em 1978, de uma resposta para o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*, projectado por Lindley Cintra, cf. Manuela Barros Ferreira, 1999.

ou “choice-switching”) patentes numa comunidade raiana trilingue da Terra de Miranda: Paradela. Desde então que me tenho dedicado a vários aspectos relativos à dinâmica desta comunidade linguística. Sobre algumas dessas reflexões referir-me-ei no ponto seguinte, na medida em que se debruçam sobre os produtos que a investigação sobre o mirandês ao longo de pouco mais de um século conseguiu gerar.

Antes, porém, uma palavra para a tese de doutoramento em Linguística Aplicada que defendi em 2004 na Universidade de Coimbra (Cristina Martins, 2003). Trata-se de um trabalho teórico e experimental em que se procura responder à seguinte pergunta: **que mecanismos estão envolvidos na construção, por parte das crianças mirandesas, de uma percepção e representação diferenciadas de duas das línguas que convivem no seu ambiente de ‘input’, o mirandês e o português?** A pertinência da pergunta ergue-se sobre os seguintes factos:

(i) a afinidade estrutural muito acentuada entre as línguas em contacto;

(ii) a profunda perturbação diglósica que caracteriza, nos dias de hoje, a comunidade bilingue.

O trabalho é de psicolinguística do desenvolvimento e os sujeitos estudados têm idades compreendidas entre os 6 e 12 anos, um segmento da população mirandesa nunca antes estudado.

3. Produtos

O trabalho de investigação sobre o mirandês e a comunidade onde este sobrevive há largos séculos permitiu que, nos finais do século XX, num momento crítico, porque no limiar da sua sobrevivência, a vida do mirandês tivesse ganhado novo fôlego.

Todos os estudos de pendor sociolinguístico confirmam o que Leite de Vasconcelos já havia postulado na altura em que descobriu o mirandês, i.e., que o idioma caminhava para a extinção. Chamemos a este estado de coisas uma profunda perturbação diglósica da comunidade plurilingue, com o português falado a ocupar todos os domínios de interacção verbal adstritos, durante séculos, ao mirandês, mormente, e para parafrasear a

conhecidíssima formulação de Leite de Vasconcelos, o campo, o amor e, de um modo muito decisivo (como o estudo de comunidades bilingue que sofrem ou já sofreram processos de substituição linguística já demonstrou), o lar. Os falantes que activamente promovem a substituição linguística em curso têm actualmente entre 40 e 50 anos, sempre falaram mirandês com os seus próprios pais e abandonaram-no nas interacções verbais com os filhos. Este é, como disse, um estado de coisas que se anuncia desde o fim do século XIX, mas que apenas a partir dos anos setenta do século XX se começou a desenhar com indisfarçável clareza. Na verdade, ainda no fim dos anos sessenta, Maria José Moura Santos (1967: 127) testemunhava que as crianças mirandesas apenas entravam em contacto com o português quando chegavam ao ensino primário, sendo o mirandês o veículo linguístico exclusivo dos seus primeiros anos de vida. É lícito concluir, portanto, que os mirandeses assumiram o abandono do seu idioma identitário ao mesmo tempo que um Portugal mais democratizado abria as portas da Escola aos seus filhos.

Eis que surgem, no fim do século XX, alguns sinais de resistência a este processo de acelerada erosão linguística, a saber:

(i) a introdução do mirandês como disciplina opcional no segundo ciclo do ensino básico em 1986;

(ii) a *Proposta de Convenção Ortográfica Mirandesa*, em 1995, seguida da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* em 1999, iniciativa do CLUL patrocinada pela CMMD, elaborada por um grupo de trabalho liderado por Manuela Barros Ferreira e Domingos Raposo;

(iii) a lei 7/99 de 29 de Janeiro, que reconhece a especificidade linguística da comunidade mirandesa.

A partir de 1999, ano paradigmático que marca a publicação da *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa* e o reconhecimento legal da especificidade linguística da comunidade mirandesa (cf. Cristina Martins 2001a e 2001b e Amadeu Ferreira, 2002), os mirandeses redescobriram a língua que, entretanto, já tinham deixado de falar, no quotidiano, com as suas crianças, quebrando o multissecular ciclo de transmissão geracional do idioma oral.

Ao mesmo tempo que abandonam o uso do mirandês da oralidade, nomeadamente nos domínios de interacção clássicos, os mirandeses descobrem novas funcionalidades para a sua língua minoritária (cf. Martins, 2002). Veja-se:

- a) A literatura que tem vindo a ser publicada, em mirandês, não tem paralelo, em quantidade, com nenhum outro momento da vida do idioma, havendo editoras com circuitos de distribuição de âmbito nacional, como o “Campo das Letras”, a “Granito” e a “Apenas Livros”, que agora publicam as obras que antes só chegavam a ver a estampa com o patrocínio da CMMD (cf., para a reconstituição da história literária do mirandês até 2003, Vasconcelos (1900), Mourinho (1993), Telmo Verdelho (1994), Reis Quarteu e Xavier Frías Conde (2002), Amadeu Ferreira (2003) e <http://mirandes.no.sapo.pt>).
- b) Os contributos para a imprensa escrita foram ainda mais avassaladores: (i) Imprensa regional: o *Mensageiro de Bragança*, o *Diário de Trás-os-Montes* e o *Jornal do Nordeste* (todos com edição impressa e on-line) passaram a dar espaço ao mirandês. O *Jornal do Nordeste* abriu uma secção integralmente dedicada ao mirandês, sendo que para ela têm contribuído dezenas de mirandeses com notícias e textos originais escritos na língua minoritária. (ii) Imprensa nacional: a partir deste ano, e uma vez por mês, o *Público* apresenta um contributo em mirandês a cargo de Amadeu Ferreira. (iii) Para além disto, começa a ser emitido, a partir de 2001, um programa radiofónico semanal em mirandês, na *Rádio Mirandum – FM*, a cargo daquele que foi, até o ano 2000, o único professor de Mirandês, Domingos Raposo.
- c) José Francisco Fernandes vê o seu volume bilingue *Mirandês, Lhiêngua Minoritária an Pertual* traduzido para alemão por Martin Angele em 2005.

- d) O mirandês conhece, a partir do ano lectivo 2000-2001, um crescimento exponencial no sistema de ensino (para uma reflexão sobre o ensino bilingue e o mirandês, cf. Cristina Martins, 2000). Multiplicam-se os interessados e, assim, o número de professores (tenho notícia de que foram três no ano lectivo de 2005-006 no concelho de Miranda do Douro). O estudo do mirandês foi-se estendendo, em poucos anos, a todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao superior, não deixando de fora o ensino de adultos.
- e) O mirandês passa a ser usado nas sessões da Assembleia Municipal de Miranda do Douro por alguns deputados municipais. O primeiro discurso em mirandês alguma vez ouvido na Assembleia da República é proferido pelo então deputado Júlio Meirinhos na sessão plenária de 17 de Setembro de 1998.
- f) Ocorrem os primeiros ensaios de uma escrita científica em mirandês, que começam por incidir sobre o próprio mirandês ou aspectos relativos à cultura e comunidade mirandesa (António Bárbolo Alves, 2000a e b, Domingos Raposo, 2000, Amadeu Ferreira, 2001 e 2002, Carlos Ferreira, 2004, Reis Quarteu e Xavier Frías Conde, 2002). Já em 2006, surge um texto sobre um tema da física da relatividade (tradução pedida a Amadeu Ferreira pelo Prof. António Brotas do Instituto Superior Técnico).
- g) Foi editado o primeiro CD da primeira banda rock mirandesa, os *Pica Tumilho*, com enorme sucesso na região e já objecto de diversas reportagens televisivas (<http://www.PICATUMILHO.com>).
- h) Começaram a ser escritas novas peças de teatro em mirandês e interpretadas por vários grupos.

Estas novas funcionalidades, aliadas à crescente visibilidade do idioma outrora acantonado no extremo Noroeste de Trás-os-Montes, geraram, por sua vez, novos “produtos”:

- a) Pulula o interesse de academias estrangeiras pelo mirandês, sobretudo em Espanha e na Alemanha. Têm, por isso, sido crescentes os congressos e as conferências internacionais em que há participações relativas ao mirandês.
- b) Foram criados, nos últimos anos, associações e centros de estudos: *Centro de Estudos Mirandeses* (FLUP); *Associação de Lhéngua Mirandesa* (Lisboa); *Centro de Estudos Mirandeses António Maria Mourinho* (Miranda do Douro). Há notícia de que se prepara, ao mais alto nível, numa iniciativa conjunta dos Ministérios da Cultura e da Educação, a criação de uma Fundação vocacionada para a preservação da especificidade linguística e cultural da Terra de Miranda.
- c) Multiplicaram-se os lugares, na Internet, com informação credível sobre o mirandês, depois de o primeiro (<http://mirandes.no.sapo.pt>) bem como o “blog” (<http://mirandes.blogspot.com>) terem sido lançados por Manuela Barros Ferreira com o patrocínio do CLUL, a saber, <http://www.bragancanet.pt> e <http://www.mirandes.net>
- d) Foi publicado, por Moisés Pires (2004), o *Pequeno vocabulário mirandês-português*, estando actualmente em construção um dicionário mirandês-português e português-mirandês “on-line”, acessível no sítio <http://www.bragancanet.pt>. Está igualmente em preparação um *Bocabulairo*, i.e., uma compilação, por Amadeu Ferreira, do léxico usado nos textos publicados no *Jornal Nordeste* (a aparecer na nova actualização de <http://mirandes.no.sapo.pt>).

4. Projectos: o que falta fazer

a) Corpora:

É urgente organizar uma base de dados empíricos, quer do mirandês oral, quer do mirandês escrito. Já existe bastante material, sobretudo escrito, disperso por várias fontes, locais e em diverso tipo de suporte. No que concerne ao mirandês oral, é sobretudo prioritário organizar uma campanha de recolha de amostras de fala, tratá-las e torná-las acessíveis, de forma a permitir o empreendimento das múltiplas tarefas descritivas e de normatização em falta.

b) Descrição:

i. Morfologia flexional e formação de palavras. Ensaiei, recentemente, um pequeno exercício de análise da morfologia dos verbos mirandeses (Cristina Martins, 2003 e 2005b), contrastando-os com as formas verbais portuguesas e castelhanas morfologicamente afins⁸ que deve ser completado e enriquecido.

ii. Sintaxe do mirandês. Aproveitando o que já se conhece sobre a sintaxe do português dialectal, mercê do trabalho do “Grupo de Variação” do CLUL no âmbito do projecto CORDIAL-SIN, seria muito importante estender a recolha e estudo comparativo ao mirandês. Na verdade, e como atrás foi referido, a sintaxe do mirandês está por descrever.

iii. Sintaxe dos enunciados com alternâncias de códigos. O seu estudo e explicação encontram-se por fazer.

⁸ O trabalho foi elaborado na esteira da análise morfemática proposta por Maria Helena Mira Mateus *et al.*, (2003) para o português, afastando-se da que foi apresentada por Santiago Alcoba (1999) para o castelhano.

c) Normativização.

Os trabalhos de normativização estão, francamente, na sua infância, e os já empreendidos (convenção ortográfica, com respectiva adenda aprovada em 2000 e algum trabalho de normativização lexical) correm riscos dada a ausência do que se poderia apelidar de uma autoridade com rosto que actuasse, não só ao nível das publicações produzidas em mirandês, como na coordenação dos docentes encarregados de ensinar mirandês (Martins, 2005a).

d) Material didáctico. A produção de materiais desta natureza é uma tarefa prioritária, tanto mais que o ensino formal do mirandês cresce exponencialmente, não havendo, contudo, notícia de nenhuma publicação neste âmbito.

e) Recolha de dados empíricos relativos à aquisição linguística de crianças mirandesas em fases precoces do desenvolvimento ontogénico. Pela minha parte, considero que teria muito interesse testar algumas das hipóteses postuladas em Martins, 2003 sobre a emergência das capacidades metalinguísticas, a par das linguísticas, nesta situação de ‘input’ bilingue, muito particular de muitos pontos de vista.

A urgência desta tarefa de recolha de dados relativos aos processos de aquisição e desenvolvimento linguístico de crianças mirandesas é óbvia e constitui-se como um excelente exemplo-síntese de todos os projectos aqui enunciados e cuja concretização igualmente urge. Se todo o esforço já investido na requalificação simbólica desta língua minoritária não for prosseguido, a verdade é que corremos o sério risco de não encontrar, dentro de pouco tempo, **uma única criança exposta a ‘input’ oral bilingue mirandês-português**. Nessa altura, teremos perdido uma oportunidade histórica. Dentro de algum tempo, encontraremos crianças em idade escolar que sabem escrever e ler em mirandês, mas que não fazem uso do idioma nas suas actividades orais do quotidiano. Será um paradoxo, convenhamos.

Fontes citadas

ABREU, Maria Lucília Pais de

1961. *A linguagem popular em obras dramáticas contemporâneas*. Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inédita.

ALCOBA, Santiago

1999. *La flexión verbal*. In: BOSQUE, I e V. DEMONTE (dir.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 3. Madrid: Espasa, p. 4915-4991.

ALVES, António Bárbolo

1997. *A língua mirandesa. Contributos para o estudo da sua história e do seu léxico*. Dissertação de Mestrado (inédita). Braga: Universidade do Minho.

2000a. *Lhiteratura oral mirandesa: José Francisco Meirinhos (coord.), Estudos Mirandeses. Balanço e orientações*. Porto: Granito Editores e Livreiros, p. 85-97.

2000b. *La lhiteratura oral de la Tièrra de Miranda: saber, tradiçon i eidentidade de ls mirandeses*. In: *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, n° 73, p. 41-64.

2002. *Palavras de identidade da Terra de Miranda. Uma abordagem estatístico-pragmática de contos da literatura oral mirandesa*. Dissertação de Doutoramento (inédita). Toulouse: Universidade de Toulouse le Mirail.

ANGELE, Martin e José Francisco FERNANDES

2005. *Die Minderheitensprache Mirandesisch in Portugal / Mirandés, Lhiêngua Minoritária an Pertual*. Norderstedt: Herstellung und Verlag, Books on Demand GmbH.

BALDINGER, Kurt

1972. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. 2ª ed. corrigida y mui aumentada. Madrid: Ed. Gredos.

CARVALHO, José Gonçalo Herculano de

1957. *Fonologia mirandesa I*. In: *Biblos*, vol. 33, p. 1-133.

1970. *Paradigma e corrente da fala a propósito do vocalismo mirandês*. In: *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, p. 135-139.

1973a. *Elementos estranhos no vocabulário mirandês*. In: *Estudos linguísticos*, vol. 1, 2ª ed. Coimbra: Atlântida Editora, p. 93-110.

1973b. *Porque se fala dialecto leonês em Terra de Miranda*. In: *Estudos linguísticos*, vol. 1, 2ª ed. Coimbra: Atlântida Editora, p. 71-93.

CASEIRO, Diamantino, Isabel TRANCOSO, Maria do Céu VIANA e Manuela Barros FERREIRA

2003. *A Comparative Description of GtoP Modules for Portuguese and Mirandese Using Finite State Transducers*. In: *Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences*. Barcelona, p. 2605-2608. Disponível em <http://www.inesc-id.pt/pt/indicadores/Ficheiros/1154.pdf>

CINTRA, L. F. Lindley

1959. *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos.

CRUZ, Luísa Segura da, João SARAMAGO e Gabriela VITORINO

1994. *Os dialectos leoneses em território português: coesão e diversidade*. In: *Variação Linguística no Espaço, no Tempo e na Sociedade*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, p. 281-293.

FERREIRA, Albino Morais

1989. *Dialecto mirandês*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva.

FERREIRA, Amadeu

2001. *Modos de tratamento ne l mirandês de Sendin*. In: *El Filandar/O Fiadeiro*, nº 13, p. 8-13.

2002. *Statuto jurídico de la lléngua mirandesa*. In: *Anclabes lhenguísticos na Ounion Ouropeia. V Simpósio de Lhénguas Ouropeias i Legislações. Miranda do Douro, 25—28 de Abril de 2002*. Barcelona: Ciemen, p. 65-86.

2003. *Notas d'introducion a la lliteratura mirandesa*. In: *Ianua*, nº 4. Disponível em

http://www.romaniaminor.net/ianua/ianua04/ianua04_10.pdf

FERREIRA, Carlos

2004. *Paisagem e ambiente numa abordagem geotoponímica de Sendim em Terra de Miranda. (Um estudo de Geografia rural e regional)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Geografia da Universidade de Salamanca para a obtenção do “Grado de Salamanca”.

FERREIRA, Manuela Barros

1994. *A limitrofia do sendinês*. In: *Variação Linguística no Espaço, no Tempo e na Sociedade*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, p. 35-42.

1995. *O Mirandês e as línguas do Noroeste peninsular*. In: *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, nº 57, p. 7-22.

1999. *Lição de mirandês: “You falo como bós i bós nun falais como you”*. In: Francisco Fernández Rei e Antón Santamarina Fernández (org.), *Estudios de sociolingüística románica. Linguas e variedades minorizadas*. Universidade de Santiago de Compostela [separata].

2001. *A situação actual da língua mirandesa e o problema da delimitação histórica dos dialectos asturo-leoneses em Portugal*. In: *Revista de Filologia Románica*, vol. 18, p. 117-136.

FERREIRA, Manuela Barros e Ana Maria MARTINS

1987. *O mirandês nos atlas linguísticos*. In: *Actas das 1^{as} Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*. Miranda do Douro, p. 33-42.

FERREIRA, Manuela Barros e Domingos RAPOSO (coord.)

1995. *Proposta de Convenção Ortográfica Mirandesa*. Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.

1999. *Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa*. Miranda do Douro/Lisboa: Câmara Municipal de Miranda do Douro/Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

GUMPERZ, J. J.

1982. *Discourse Strategies*. Cambridge: CUP.

Inquérito Linguístico Boléo. Coimbra: Disponível na sala do I.L.B., Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Respostas recolhidas por párocos e/ou professores e enviadas por correspondência:

1942. Cércio

1942. Duas Igrejas

1942. Especiosa

1942. Genísio

1942. Palaçoulo (2 respostas)

1942. Póvoa

1942. S. Martinho de Angueira

1942. Sendim

1943. Vila Chã da Barçiosa

Respostas recolhidas pelos alunos da cadeira de “Linguística Portuguesa II” (com respectivo relatório):

- 1964. Pena Branca
- 1965. Vila Chã da Barçiosa
- 1966. S. Martinho de Angueira
- 1971. Duas Igrejas

MAIA, Clarinda de Azevedo

- 1996. *Mirandés*. In: Manuel Alvar (dir.), *Manual de dialectología hispánica. El Español de España*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., p. 159-170.

MARTINS, Cristina

- 1994a. *O desaparecimento do mirandês na cidade de Miranda do Douro: uma leitura dos Estudos de filologia mirandesa de José Leite de Vasconcelos*. In: *Varição Linguística no Espaço, no Tempo e na Sociedade*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, p. 95-105.
- 1994b. *Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inédita.
- 1997. *A vitalidade de línguas minoritárias e atitudes linguísticas: o caso do mirandês*. In: *Lletres Asturianes. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, nº 62, p. 7-42.
- 2000. *Ensino do mirandês e bilinguismo*. In: José Francisco Meirinhos (coord.), *Estudos Mirandeses. Balanço e orientações*. Porto: Granito Editores e Livreiros, p. 109-126.
- 2001a. *O reconhecimento oficial de direitos linguísticos da comunidade mirandesa. Notícia e comentário a uma iniciativa do parlamento português sobre matéria linguística*. In: *Santa Barbara Portuguese Studies* (a special issue of selected articles and reviews from the electronic journal *Ciberkiosk*), vol. 5, p. 327-334.
- 2001b. *La reconnaissance officielle des droits linguistiques de la communauté mirandaise. Notes et commentaires sur une initiative du parlement portugais en matière linguistique*. In: *Les nouvelles législations linguistiques dans l'Union Européenne/Le nuove legislazioni linguistiche nell'Unione Europea*. Barcelona: Editorial Mediterrània, p. 135-144.
- 2002. *A situação sociolinguística do mirandês e a lei 7/99 de 29 de Janeiro*. In: *Anclabes llinguísticos na União Europeia. V Simpósio de Línguas Europeias i Legislações. Miranda do Douro, 25—28 de Abril de 2002*. Barcelona: Ciemen, p. 47-63.
- 2003. *Línguas em contacto; “saber sobre” o que as distingue. Análise de competências metalinguísticas de crianças mirandesas em idade escolar*. Tese de Doutoramento em Linguística Aplicada apresentada à Universidade de Coimbra. Inédita.
- 2005a. *O processo de normatização do mirandês*. In: Carsten Sinner (ed.), *Norm und Normkonflikte in der Romania*. München: Peniöpe, p. 39-58.
- 2005b. *El mirandês front al portugués i el castellà. Elements per a una breu caracterització lingüística i sociolingüística d'una llengua minoritària*. In: María Dolores Burdeus e Joan Verdegall (eds.), *Anuari de l'Agrupación Borrianenca de Cultura. Revista de Recerca Humanística i Científica*. Volume monográfico intitulado "Europa parla (I). Llengües romàniques minoritzades d'Europa", nº 16, p. 81-95.

MATEUS, Maria Helena Mira et al.

- 2003. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón

- 1962. *El dialecto leonés*. Oviedo: Instituto de Estudios Asturianos.
- 1968. *Orígenes del Español. Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI*. 6ª edición, Madrid: Espasa-Calpe, S. A.

MOREIRA, Maria da Conceição Azevedo

- 1962. *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*. Tese de licenciatura em Filologia Românica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inédita.

MOURINHO, António Maria

- 1944a. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. O dialecto mirandês.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. IV, nº 16-20, p. 270-271.
- 1944b. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Expansão e vitalidade do mirandês.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. IV, nº 16-20, p. 316-320.
- 1944c. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Expansão literária do mirandês.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. V, nº 21-25, p. 58-62 e 91-96.
- 1944d. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Gramática mirandesa. Fonética.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. V, nº 21-25, p. 277-282.
- 1944/1945a. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Gramática mirandesa. Fonética (cont.).* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. VI, nº 26-30, p. 91-96.
- 1944/1945b. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Origens do mirandês.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. VI, nº 26-30, p. 329-334.
- 1945a. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Origens do mirandês (cont.).* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. VII, nº 31-35, p. 137-141.
- 1945b. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. ¿Donde provém o nome de Miranda?.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. VII, nº 31-35, p. 246-251.
- 1946a. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Origens do mirandês (cont.). Dominação romana.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. IX, nº 41-45, p. 89-93 e 254-257.
- 1946b. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Origens do mirandês (cont.). Carácter arcaizante do mirandês.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. X, nº 46-50, p. 21-25.
1947. *Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. Origens do mirandês (cont.). Outros elementos pré-romanos.* In: *Revista de Portugal —Série A— Língua Portuguesa*, vol. XI, nº 53, p. 97-101.
1959. *Diversidades subdialectais do mirandês.* In: *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. Leite de Vasconcelos».* Promovido pela Junta de Província de Douro Litoral (18 a 23 de Junho de 1958), vol. III, p. 329-341.
1991. *Terra de Miranda.* Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.
1993. *Breves notas sobre a língua mirandesa desde há cem anos.* Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.

PIEL, Joseph

1930. *Observações acerca do vocalismo mirandês.* In: *Biblos*, vol. 6, p. 187-190.

PIRES, Moisés

2004. *Pequeno vocabulário mirandês-português,* Miranda do Douro: Câmara Municipal de Miranda do Douro.

QUARTEU, Reis e Xavier Frias CONDE

2002. *L Mirandês: ùa lhéngua minoritária an Pertual.* In: *Ianua*, nº 2. Disponível em <http://www.iaga.com/ianua/index2.htm>

RAPOSO, Domingos

2000. *Ansino de l mirandês.* In: José Francisco Meirinhos (coord.), *Estudos Mirandeses. Balanço e orientações.* Porto: Granito Editores e Livreros, p. 99-107.

SANTOS, Maria José Moura

1967. *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes.* Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII, tomo II, XIII e XIV.

SLETSJØE, Leif

1967. *La position du mirandais*. In: *Studia Neophilologica*, vol. XXXIX, n° 1, P. 150-173.

VASCONCELOS, José Leite de

1882. *O dialecto mirandês. Contribuição para o estudo da dialectologia românica no domínio glotológico hispano-lusitano*. Porto: Livraria Portuense.

1886. *Línguas raianas de Trás-os-Montes*. In: *Revista de Estudos Livres de Lisboa*, Porto.

1900 e 1901a. *Estudos de filologia mirandesa*, vols. I e II. Lisboa: Imprensa Nacional. [1992 e 1993] 2ª ed. comemorativa do cinquentenário da morte do Autor, publicada pela Câmara Municipal de Miranda do Douro, que reproduz, em fac-simile, a ed. de 1900 e 1901.

1929. *Opúsculos*, vol IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 679-789..

VERDELHO, Telmo

1994. *Falares asturo-leoneses em território português*. In: *Lletres Asturianas. Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana. Principáu d'Asturies*, n° 50, p. 7-22.

ZAMORA VICENTE, Alonso

1960. *Dialectología española*. Madrid: Ed. Gredos, p. 71-159.